

Observatório do Emprego



NEWSLETTER #6 Maio

ISSN 2184-7894

Qual foi o impacto da pandemia na região de Aveiro? – A voz às empresas

A medida que os vários países entraram em confinamento, as pessoas foram forçadas a manter o distanciamento social e trabalhar em casa, e as empresas em todas as economias começaram a sentir o impacto da pandemia. Assim, as tecnologias digitais tornaram-se um pilar fundamental desta nova fase da vida dos países. O covid-19 tem desafiado as empresas a mudarem durante a pandemia. De certa forma este empurrão da transformação digital descobriu o que já se sabia: não há escolha, a digitalização da economia é uma realidade.

Compras online, videoconferências, eventos online, teletrabalho e aulas online já fazem parte da nova rotina. O sistema de educação formal também sofreu a mudança, com esforços de ensino a distância. Em suma, essas adaptações necessárias têm levado pequenos e grandes negócios a rever a sua forma de atuação no mercado e a sua visão sobre a maior digitalização dos seus processos.

As empresas precisaram de se tornar digitalmente flexíveis. Mesmo empresas que anteriormente resistiam a adotar sistemas mais digitais agora, utilizam videoconferências, compartilhamento de documentos e usufruem de todos os benefícios que a tecnologia pode trazer para facilitar o distanciamento (forçado) provocado pela pandemia. Em contrapartida, a segurança das informações é um fator essencial no mundo das empresas e esse é também um dos maiores

desafios que se colocam atualmente. As empresas que se encontram em processos mais avançados de digitalização apresentam uma vantagem que as coloca na liderança desta realidade.

O impacto da pandemia nas empresas foi um dos assuntos abordados nas entrevistas realizadas nas últimas semanas pela equipa do Observatório do Emprego com empresas do setor das TICE e Indústria da região de Aveiro. Essas entrevistas pertencem ao diagnóstico das necessidades de competências para a transformação digital exigidas pelo mercado de Aveiro. A primeira conclusão a referir é o benefício resultante do teletrabalho mencionado na maioria das empresas. Todas as empresas entrevistadas tiveram pelo menos uma parte dos trabalhadores em teletrabalho. Só não se verificou a mudança da modalidade para os casos que as características físicas da produção não o permitem, como é o caso de muitas indústrias que continuaram a operar.

As empresas relataram que o processo de teletrabalho aconteceu naturalmente e apenas alguns ajustes foram necessários para a implementação de algumas (não novas) ferramentas, principalmente relacionados a questões de segurança. Dentre os meios de comunicação utilizados o Skype foi o mais citado, sendo mencionado por 40% das empresas, seguido pelo o Microsoft Teams e o Zoom que foram

citados igualmente por 30% das empresas.

Foi também referido pela maior parte das empresas, que as principais vantagens foram o aumento da produtividade de algumas equipas e a redução das deslocações. As reuniões terem-se tornado mais objetivas e a redução do número de emails também foram mencionados. Foi salientada a existência de apoio psicológico para os funcionários que tiveram mais dificuldades de adaptação, por se tratarem de pessoas mais extrovertidas.

Em suma, as empresas mencionaram que o trabalho à distância pode ser tão produtivo como o trabalho na empresa. Esta experiência vivenciada foi importante para que os receios associados ao digital/plataformas de trabalho se dissipassem e facilitou que as ferramentas se revelassem como muito úteis para evitar alguns dos inconvenientes do trabalho presencial. A maioria das empresas considera mesmo manter o teletrabalho em algumas áreas da empresa, dentre todas entrevistadas, apenas uma mencionou a não continuidade do teletrabalho mesmo depois do fim do distanciamento social motivado pela pandemia. Os resultados do trabalho do Observatório sugerem assim que a migração de algumas funções para modelos de trabalho remoto e distribuído é uma tendência inequívoca em Aveiro, e para a qual será necessário desenhar respostas adequadas de formação a muito curto prazo.

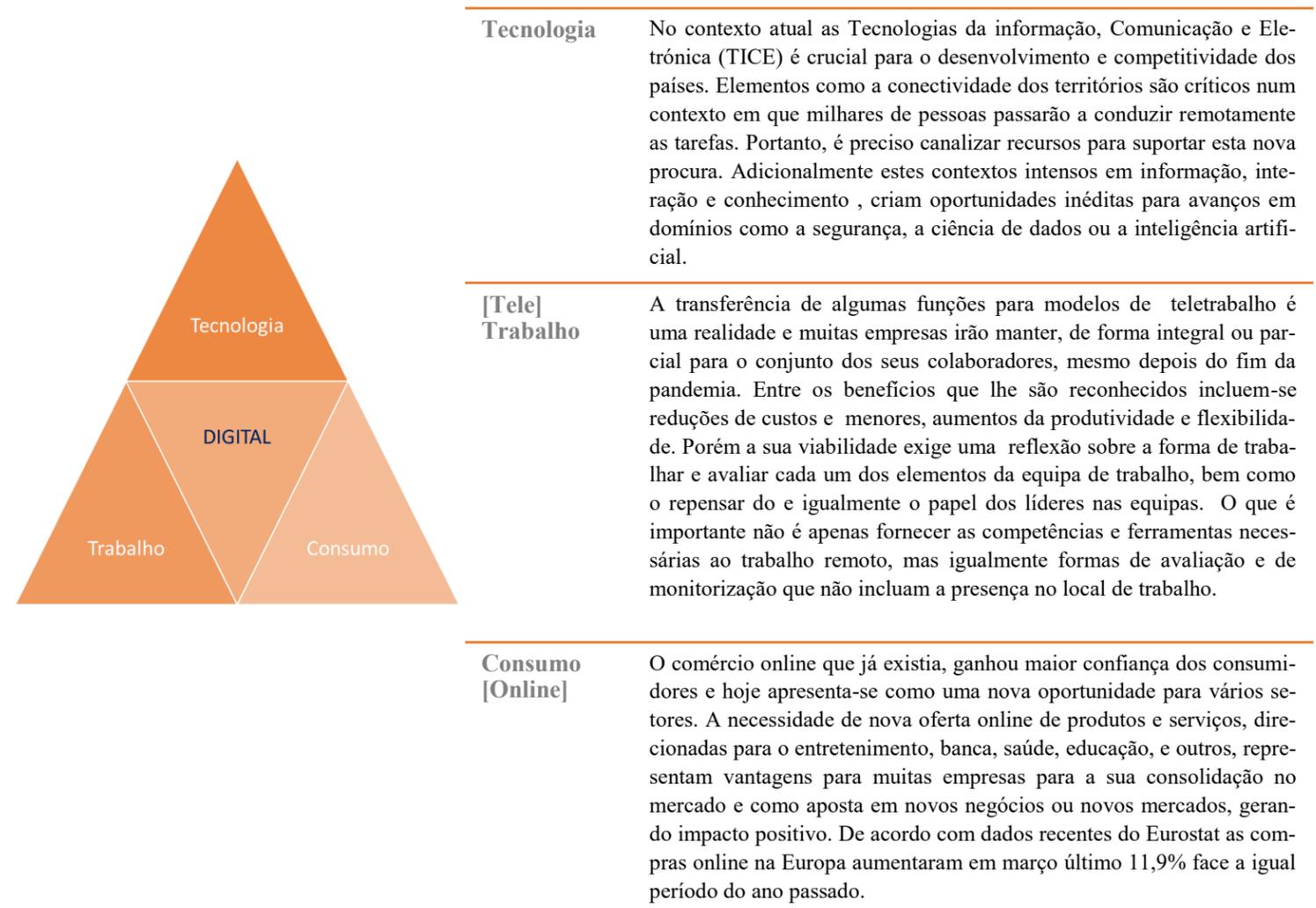
Aceleração da digitalização da economia

A situação atual mundial, como resultado do novo vírus Covid-19, levou-nos a repensar como será a sociedade no futuro, sobretudo o futuro dos modelos e dos contextos de trabalho. As transformações na vida cotidiana e na organização do trabalho foram súbitas e tiveram impactos na forma como vivemos, consumimos e como nos relacionamos, onde a tecnologia assumiu um papel fundamental para conseguir o equilíbrio entre as necessidades de preservar as condições de saúde e de manter os as cadeias de produção e abastecimento operacionais.

A tecnologia, desempenha um papel fundamental neste novo paradigma de trabalho e de vida. A digitalização e a (rápida) transformação digital dos contextos de vida e de trabalho revelou-se essencial para que a economia, continuasse a funcionar. Esta nova realidade era para muitos impensável até há pouco tempo.

Porém as circunstâncias de confinamento aceleraram as mudanças que, na visão de muitas empresas trarão mudanças estruturais nos modelos de trabalho e de negócio. É possível enumerar três dos pilares estarão na base destes modelos:

Figura 1 – Pilares para a aceleração da digitalização da economia



Esses três pilares podem ser vistos como eixos de mudança, a levar em conta pelas empresas, i.e. cada organização deve questionar-se 1) se tem as tecnologias adequadas, 2) se é capaz de mudar, rever os seus modelos de trabalho e incorporar de alguma forma modelos de teletrabalho adequados para empresa e para os funcionários, 3) como tem mudado a forma como os seus clientes base fazem o consumo dos produtos/serviços da empresa, ou seja, que parte do consumo passou para o digital? Quais as dificuldades? Quais as oportunidades?

Este tempo é uma nova oportunidade para trabalharmos em plena transformação digital e a usufruir dessa transformação, a fim de construir um mundo mais conectado e seguro para todos. Certamente será difícil voltar ao antigo “normal” quando a pandemia acabar, mas podemos contruir uma nova realidade com vantagens para todos. E este tipo de mudanças andarão necessariamente associadas a novas necessidades de requalificação.

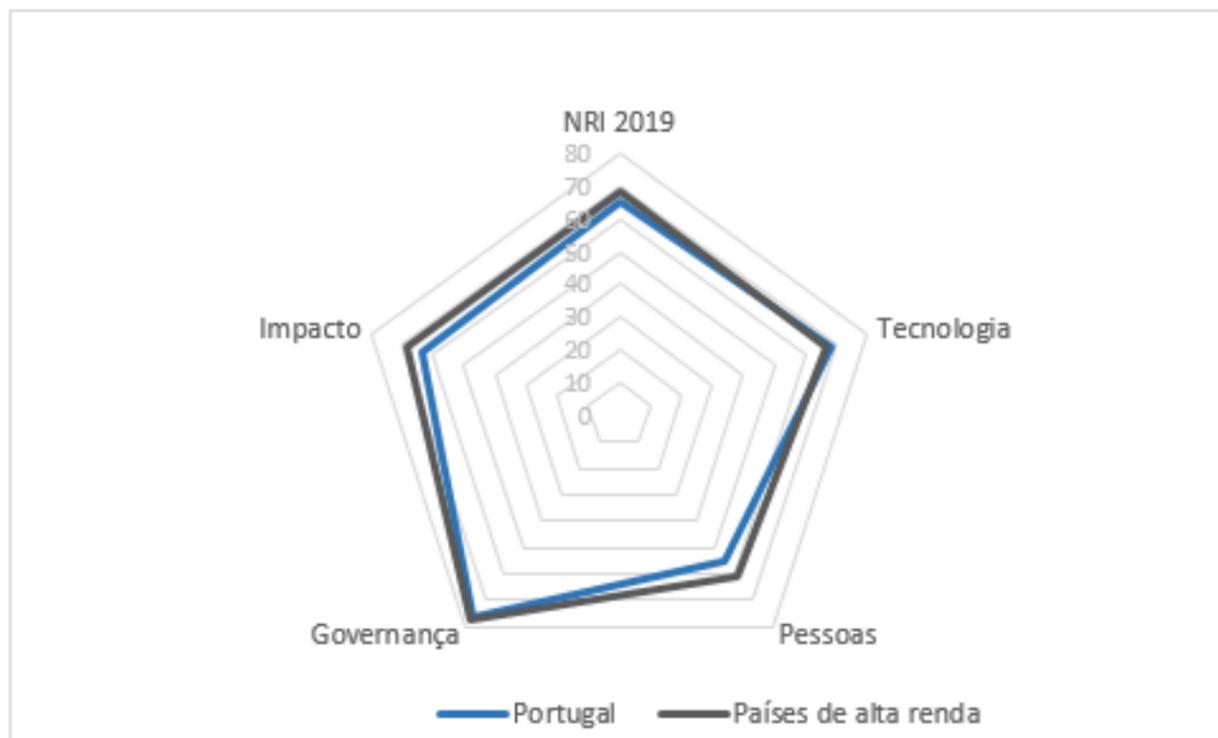
Sabia que?

O Índice de Prontidão da Rede (Network Readiness Index - NRI) é um dos principais índices globais sobre a aplicação e o impacto da tecnologia da informação e comunicação (TIC) nas economias de todo o mundo. Na sua versão mais recente, em 2019, o Relatório NRI mapeou o cenário de prontidão, baseado em rede de 121 economias de acordo com o seu desempenho em quatro pilares diferentes: Tecnologia, Pessoas, Governança e Impacto. Cada um desses pilares é constituído por três sub-pilares (Figura 1) que foram preenchidos por um total de 62 variáveis. De acordo com este índice, Portugal ocupa o 28º lugar das 121 economias incluídas, na NRI 2019 (Figura 2). A principal força apontada na análise diz respeito à tecnologia, ao avaliar o nível necessário para a participação de um país na economia global. A maior oportunidade para melhoria apontada a Portugal diz respeito ao impacto, que resume a avaliação dos efeitos sobre as componentes económica, social e humana da participação na economia de rede.

Figura 1 – O modelo NRI 2019



Figura 2 – Desempenho de Portugal face ao seu grupo de rendimento, global e por pilar (2019)



Fonte: Network Readiness Index



Nos próximos dias... novidades do Observatório do Emprego...

O inquérito online sobre as competências e o futuro do trabalho já está disponível na página do Observatório do Emprego e é acessível a partir do link: <http://observatoriodoemprego.web.ua.pt/>

Este inquérito é parte do conjunto de ações do Observatório do Emprego cujo objetivo é identificar as prioridades e necessidades de capacitação para a transformação digital na região de Aveiro. Este inquérito é direcionado aos trabalhadores e empresas do setor TICE e Indústria da região de Aveiro e questiona sobre quais as competências que são necessárias no mercado de trabalho, quais são as necessidades de capacitação que identificam e qual a forma que as empresas utilizam para procurar os seus profissionais.

O objetivo final desta auscultação será fazer o diagnóstico das necessidades de competências para a digitalização da região de Aveiro, que será a base da elaboração das propostas de formação a serem oferecidas no contexto do projeto Aveiro STEAM City. Estas ações de capacitação serão direcionadas não só aos trabalhadores dos setores da Tecnologia da Informação, Comunicação e Eletrónica (TICE), Indústria e Turismo, mas também a jovens graduados que procurem desenvolvimento de competências.

Também estarão a ser publicados brevemente 4 mini e-books sobre a transformação digital, competências e o futuro do trabalho que resultaram da primeira auscultação feita aos setores através de workshops e entrevistas. Os temas que compõem esta publicação serão: mercado de trabalho, profissões do futuro, competências técnicas e competências transversais.



Para saber mais sobre o Observatório do Emprego: <http://observatoriodoemprego.web.ua.pt/>

Para saber mais sobre as Urban Innovative Actions: <https://www.uia-initiative.eu/en/uia-cities/aveiro>

Para saber mais sobre o projeto: <https://www.aveirotechcity.pt/pt/atividades/observatorio-do-emprego>

Gostaria de receber mais informações? Inscreva-se e receba a newsletters do OE: observatoriodoemprego@ua.pt

Banner de contatos e parceiros. Contatos: Observatório do Emprego (observatoriodoemprego@ua.pt, @observatoriodoemprego), Câmara Municipal de Aveiro (www.cm-aveiro.pt), Universidade de Aveiro (www.ua.pt), Inovaria (www.inovaria.pt). Parceiros: Main Urban Authority (AVEIRO CÂMARA MUNICIPAL, TECH CITY), Delivery Partners (altice labs, instituto de telecomunicações, INOVARIA, universidade de aveiro, CEDES), Funding (AVEIRO STEAM CITY, UIA, Comissão Europeia).